



CULTURA DE PAZ NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS SEGUNDO CONCEPÇÕES DE PAULO FREIRE

Helga Porto Miranda¹; Fabrício Oliveira da Silva²Lormina Barreto Neta³

¹ Mestre em Educação de Jovens e Adultos pelo MPEJA - UNEB, Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa DIVERSO – Docência, Narrativa e Diversidade. helgaporto@ig.com.br;

²Doutorando em Educação pelo PPGEDUC – UNEB. Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa DIVERSO – Docência, Narrativa e Diversidade. faolis@ig.com.br

³Mestre em Gestão, Educação e Tecnologias pelo GESTEC – UNEB, Professora da Universidade do Estado da Bahia. lobaneta@hotmail.com

EIXO TEMÁTICO: PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Resumo

Este artigo tem como premissa discutir a paz na educação de Jovens e Adultos, numa perspectiva freireana. É fruto de nossas reflexões como busca incessante de ver incorporada à escola, em especial às salas de EJA, a cultura de paz, sendo esta trabalhada de maneira que reflita as potencialidades existentes nos seres que a compõem. A busca pela paz entendida como um estado de superação das dificuldades que permeiam a educação, e valorização das especificidades humanas capazes de transformar realidades sociais adversas, principalmente as vividas pelos jovens e adultos que tem seu lugar de direito negado a todo instante e por todos. Reflete como o espaço escolar possibilita a construção da cultura de paz, pois nele se articulam diversas outras culturas, possibilitando a construção das relações interpessoais e afetivas. O texto sinaliza como resultado a compreensão da paz na educação como um componente necessário para o reconhecimento e vivência dos valores humanos, evidenciando o caminho para a emancipação dos sujeitos e valorização das múltiplas aprendizagens.

Palavras-chave: Cultura da Paz; Concepções Freireanas; EJA.

Introdução

Este artigo tem como discute a paz na Educação de Jovens e Adultos - EJA, numa perspectiva freireana. Ressaltamos que esse trabalho é fruto das inquietações de muitos educadores, da busca incessante de ver incorporada à escola, em especial as salas de EJA, a cultura de paz, sendo esta trabalhada de maneira que reflita as potencialidades existentes nos



seres que a compõem. A busca pela paz define-se nesse trabalho como sendo um estado de superação das dificuldades que permeiam a educação, e valorização das especificidades humanas capazes de transformar realidades sociais adversas, principalmente o vivido pelos jovens e adultos que tem seu lugar de direito negado a todo instante e por todos.

Neste contexto a paz é analisada como uma atitude de aprender e pode ser gerenciada através da troca. O texto corrobora com a concepção de que a escola precisa ser um espaço acolhedor, solidário emancipador, não devendo, portanto, servir para encolher os sujeitos, mas fornecer aos mesmos mecanismos potentes e dinâmicos que os possibilitem pensar mudanças no contexto social. Para tanto, nos apoiaremos nos discursos de Paulo Freire quando acredita nos espaços escolares como cenários de ação e transformação do homem em busca de uma sociedade igualitária e justa.

O trabalho buscou construir argumentos a fim de responder a seguinte questão de pesquisa: Como a escola básica pode tornar-se um ambiente potencializador da disseminação da cultura da paz no contexto da Educação de Jovens e Adultos? A fim de que pudéssemos desenvolver nossas reflexões de maneira mais contextualizada, realizamos uma revisão bibliográfica a partir das concepções de Freire numa perspectiva de observar no contexto contemporâneo da EJA como essas concepções podem favorecer a cultura da paz na escola. A ideia, portanto, foi a de verificar como os professores e alunos no ambiente escolar da EJA dialogam e concebem as concepções presentes na obra destes dois autores e como lidam no dia a dia da escola para promover a cultura da paz.

Neste cenário, optamos por desenvolver uma metodologia de revisão bibliográfica das principais ideias sobre a cultura da paz em algumas obras de Paulo Freire, com vistas a mapear as principais concepções freireanas sobre esse tipo de cultura na escola, na perspectiva de relacionar a viabilidade dos argumentos trazidos por estes dois autores como forma de compreender como no ambiente da EJA a cultura da paz pode ser uma realidade que favoreça a aprendizagem dos estudantes, bem como tornar-se um elemento de boa convivência e de satisfação pela educação escolar.

Tomamos como base inicial para essa discussão algumas definições de paz encontradas nos dicionários mais usados nas escolas, o Aurélio, o Michaelis e o Houaiss. O Aurélio, entre outras coisas, traz a definição de paz como: Ausências de lutas, violências ou perturbações sociais; Ausências de conflitos entre pessoas, bom entendimento; Ausência de



conflitos íntimos, tranquilidade da alma, sossego; Ausência de agitação ou ruído, repouso, silêncio, sossego. Já o Michaelis traz: Tranquilidade Pública; Tratado que mantém ou restabelece esse estado; Repouso, silêncio; Tranquilidade da alma; União, concórdia nas famílias; Sossego.

O Houaiss diz que: Relação entre pessoas que não estão em conflito, acordo, concórdia; Relação tranquila entre cidadãos, ausência de problemas, de violência; Estado de espírito de uma pessoa que não é perturbada por conflitos ou inquietações, calma, quietude, tranquilidade.

A paz descrita pelos dicionaristas não é a paz relacionada aos processos de mudança sociais necessárias ao nosso crescimento, paz que luta para a transformação de um processo histórico e cultural da humanidade. É uma forma de tornar o sujeito quieto, despretensioso, acomodado, dependente, condescendente, um indivíduo que aceita tudo que lhe é imposto sem questionar, sem refletir, sem procurar saber as reais intenções do que está por trás de tudo o que lhe acontece, sem capacidade de entender de forma coerente o processo perverso que a classe dominante lhe impõe.

Mediante leituras, em especial da Pedagogia Freireana, que nos permite discutir e até discordar das descrições acima, considerando a paz uma relação de estado de espírito que não é perturbada por conflitos, temos a tranquilidade de dizer que a paz é uma aprendizagem inquietante. Como tal pode ser conflituosa, uma busca perene, autorizada pela necessidade de mudança. É a procura da liberdade, que se afirma na busca e é amadurecida através de confrontos. É idealizada por diversas formas de busca, que se constitui na tomada de decisão, refletindo sempre a luta. A paz é ausência de medo, é uma forma responsável de transformar as realidades, às vezes por caminhos tortuosos, mas com consciência de uma prática coerente e necessária.

A EJA está dentro deste contexto, sendo um espaço que, por si só, já desenha esta realidade. Apesar de todos os entraves existentes, a Educação de Jovens e Adultos tem demonstrado uma resistência. O pequeno espaço que é destinado a EJA e o descaso que a ela é destinado, não provocam esmorecimento aos poucos que lutam por uma transformação.

Não podemos e nem devemos enxergar a paz na educação como um completo estado de graça; isso faria de nós indivíduos inertes. A paz é aprendida, tem a ver com as expressões produzidas e criadas pela humanidade. Precisamos reconhecer a paz como um componente



provocador de ações, idealizador e identificador de possibilidades. Ela nos direciona para uma vida melhor, para o reconhecimento de que é preciso lutar para contribuir com as mudanças que a sociedade necessita. É preciso estar em paz para reconhecermos que necessitamos de cuidados, bem como reconhecer a necessidade do cuidado com o outro.

Esse estado de paz nos possibilita formar eixos integradores nos quais o espaço e tempo da escola possa se transformar em espaços prazerosos, nos quais existam harmonia e solidariedade e as gentes que as formam vivam em comunhão. Um estado de paz em que haja trocas de experiências, nas quais, se promovam conhecimentos, habilidades, atitudes que provoquem mudanças de comportamentos, e, que um aprenda com o outro. Que exista cultivo de valores e que estes sejam provocadores de um processo de promoção de autoconhecimento. É a partir dessas reflexões que podemos compreender que para Freire a consciência crítica contrapõe a consciência ingênua.

O indivíduo em seu estado crítico não se satisfaz com as aparências, reconhece que a realidade é mutável, é autêntico, está sempre disposto a revisar os seus atos, procura sempre se livrar de preconceitos, é inquieto, é responsável, indaga, investiga e dialoga. Interessante se faz incluir nesse diálogo a definição, mesmo que não amplamente fundamentada, de consciência e de crítica, para assim termos uma liberdade maior de tecermos comentários à luz de Paulo Freire.

A consciência é uma capacidade humana, de prever e deplanejar previamente as próprias atividades, de refletir sobre elas no decorrer da ação, sendo esta capacidade baseada no conhecimento. A crítica, por sua vez, é a superação dos acontecimentos que geram e alimentam uma ideologia, ou o que dela resultam. Assim, a consciência crítica nasce com a capacidade de se questionar os próprios pressupostos. A raiz da consciência é o confronto, o fundamento da crítica é a humildade.

De anônimas gentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi, sobretudo que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades sociais perversas. A Paz se cria, se constrói na construção incessante da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenta miopizar as suas vítimas.

(Paulo Freire ao receber o Premio Educação para a Paz da UNESCO, Paris, 1986)

A consciência crítica possibilita aos homens e às mulheres a condição da reflexão, da libertação e da transformação da realidade. Ingrediente necessário à nossa condição humana,



quando nos revestimos de consciência, ou seja, do conhecimento de parte do que nos rodeia, do que nos faz vivenciar, principalmente os seres que têm uma condição humana sem privilégios. Imbuímo-nos de uma condição de conhecedores dos processos, às vezes, muito perversos e os administramos de forma cautelosa de modo que praticamos as intervenções necessárias. Isso se dá pelo fato que enxergamos tudo isso de forma crítica, ou seja, sabemos as intencionalidades que disso nos está sendo imposto, e essa compreensão nos motiva a elaborar formas de conviver com essas situações.

Freire nos alerta para a necessidade de lutarmos para uma vida melhor, nos alerta sobre a necessidade de vivermos em constante troca, em especial na Educação de Jovens e Adultos. A possibilidade que têm esses sujeitos de enxergarem a realidade é imensamente superior, pois os mesmos lidam sempre com as formas arbitrárias de tratamento desigual, o que dá aos mesmos a condição de lutar contra isso, desde que tenham consciência de tudo o que os rodeiam.

A consciência crítica deve ser uma constante no espaço educativo. Necessário se faz que os alunos tenham conhecimento do processo, que sejam sujeitos de ação, que conheçam as verdadeiras intenções de tudo o que está sendo oferecido a eles nos espaços educativos. Para que isso aconteça é essencial que a consciência crítica esteja presente, seja uma constante na vida da escola. É preciso que os alunos tenham a capacidade de questionar, de avaliar, de fazer opções, de rejeitar, de modificar, e, acima de tudo de fazer intervenções, tornando tudo o que for imposto possível e realizável. É preciso consciência crítica para transgredir algumas regras, transformando-as em boas possibilidades e em ganhos palpáveis. A luta tem que ser constante e a criatividade devem fazer parte da nossa existência.

Paulo Freire enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica sobre a prática educativa, sem a qual a teoria pode se tornar apenas discurso e a prática uma reprodução alienada, sem questionamentos. Defende ainda que a teoria deva ser adequada à prática cotidiana do professor, que passa a ser um modelo influenciador de seus educandos, ressaltando que na verdadeira formação docente devem estar presentes a prática da criticidade ao lado da valorização das emoções.

A base da pedagogia freireana é a dialogicidade. Esse diálogo acontece quando o sujeito administra seus conflitos. Para Freire o diálogo nasce na prática da liberdade e acontece



efetivamente quando há o respeito entre os seres de forma humana e solidária, sendo uma relação de confiança existente entre os homens e as mulheres que os sustenta.

O diálogo acontece quando há troca entre as pessoas dos seus saberes, da sua cultura, dos seus ideais, mediatizados pelo contexto social, político, econômico e cultural. É preciso acontecer a escuta e a administração dela nas relações entre as pessoas. É nessa troca de informações que acontece a dialogicidade. É nessa troca que se formam e acontecem as mudanças sociais importantes para o crescimento, o que resulta na legitimação da autonomia social. O diálogo é uma força capaz de auxiliar o indivíduo na superação de obstáculos, na quebra de barreiras que impedem a convivência harmoniosa entre os seres. Funciona como um dispositivo na busca pela Paz, em especial, Paz na Educação, pois contribui para uma construção coletiva de vivência humana, possibilitando aos seres mecanismos de superação das problemáticas existentes entre eles, tais como: as injustiças e as desigualdades sociais.

O diálogo passa a ser um elemento de uma importância extraordinária, que elucida compromissos, constrói e divulga conhecimentos, transformando a natureza crítica e a consciência coletiva. Isso acontece de forma muito presente na Educação de Jovens e Adultos, visto que a proposta é sempre a de aproveitar o conhecimento dos sujeitos, para que nessa troca haja a aprendizagem.

Articula entre os seres o conhecimento e a construção da realidade social. O diálogo é um encontro que se realiza na ação transformadora dos seres, compreendendo assim que o sujeito está no mundo, com o mundo e para o mundo, compartilhando entre si a busca pela garantia de direitos e dignidade humana.

Nesse sentido é possível observar o diálogo como forma de concepção de responsabilidade e partilha, sempre preocupado em integrar os sujeitos com as vivências dos problemas que o cercam, deflagrando ações que desafiam-nos à reflexão para o bem estar coletivo, proporcionando aos indivíduos um exercício de troca no qual se pode por em prática a capacidade de indagar o outro, de comparar os saberes, de aferir resultados, de vivenciar práticas sociais importantes para o crescimento e engrandecimento socio-cultural. Para construir uma cultura de paz, necessitamos colocar em prática uma relação dialógica, na qual os sujeitos lutem pelo respeito ao outro, criando laços de amor, respeito e união.



É preciso haver uma relação dialógica entre os sujeitos, uma aceitação do outro; o ser humano é para ousar, avançar, progredir, crescer, ser feliz, e, isso não se consegue individualmente. É preciso partilhar sentimentos, trocar saberes.

É preciso e até urgente que a escola vá se tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte, contudo, o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. O gosto da pergunta, da crítica, do debate. (FREIRE, 1993, p.89)

O espaço escolar possibilita a construção da cultura de paz, pois nele se articulam diversas outras culturas, possibilitando a construção das relações interpessoais e afetivas. A paz na educação é um componente necessário para o reconhecimento e vivência dos valores humanos, caminho para a emancipação dos sujeitos e valorização das múltiplas aprendizagens. A paz é ligada ao ato de aprender e pode ser gerenciada através da troca.

A escola precisa ser um espaço acolhedor, solidário emancipador. Ela não deve servir para encolher os sujeitos, mas fornecer aos mesmos mecanismos potentes e dinâmicos que os possibilitem pensar mudanças no contexto social, de diversas formas de olhar, ouvir, caminhar e sentir o mundo. É um ambiente que propicia a vivência da paz, pois nesse espaço existem múltiplas possibilidades de diálogo, no qual a troca pode ser evidenciada e os sujeitos têm a possibilidade de viver a busca da dignidade também de espaços múltiplos.

É no espaço educativo que o sujeito tem liberdade para refletir sobre todas as coisas, pois é nele que estão todas as informações e também todas as possibilidades de criação, de transformação. Na escola se recebe as informações e a depender do grau de importância, essas informações servem para a transformação da realidade. É nesse espaço que o sujeito aprende de forma consistente a ler o mundo e a transformá-lo, tornando-se sujeito do mesmo.

A luta pela paz na educação é complexa e gera a necessidade da integração dos vários saberes, das várias culturas existentes no ambiente educacional, passando por uma (re)visão ampla e crítica das potencialidades e estimulando nos sujeitos movimentos capazes de edificá-la.

O sujeito crítico reconhece sua história e luta para a transformação social, pela igualdade, pelo respeito à dignidade humana e promoção da justiça social. Para Freire é preciso refletir sobre nossas práticas de forma consciente e atenta. A cultura de paz na



educação, e conseqüentemente na escola, devem acontecer mediante observação cuidadosa de todos que a compõem. As mudanças devem acontecer através do enxergar criterioso de todos os problemas existentes.

Assistimos a certo esforço de implementação de uma cultura de paz baseada na calma, na aceitação de fatos perversos: a paz tem uma cor, a paz tem um símbolo, reina sempre em completa tranquilidade, a paz está sempre num lugar em que o sujeito encobre ou é encoberto por um estatuto que nega as injustiças sociais, ou melhor, que as aceita de forma inocente e ingênua sem questionar. Fazemos parte de um emaranhado de discursos sobre a paz que nos são transmitidos pelo estabelecimento de uma cultura a nós imposta pela classe dominante, sempre interessada em manter-se no poder, nos tirando a possibilidade de estabelecer e formular discussões e romper com esse processo construído intencionalmente.

A paz não tem cor, uma única cor, ela tem todas as cores, ela é multicolorida, por isso devemos saber que para construir a paz é preciso zelar por tudo que nos rodeia. Tem que existir o zelo pelas pessoas, pela natureza, pela vida na sua essência. Para tanto, a paz só se constrói coletivamente e só pode ser aprendida em comum-união. A paz, diferente da calma, é o estabelecimento e reconhecimento do conflito, das relações, das atitudes. É a ausência da posse individual, é o compromisso coletivo para o estabelecimento de um estado solidário e digno que valorize a pessoa humana num processo de construção dinâmica e ética, comprometida com uma intervenção crítica e emancipatória.

A Paz é uma construção feita no dia-a-dia e necessita da participação de todos no sentido de reconhecer que cada pertence a sua comunidade e deve respeitar os valores existentes nela, bem como suas vivências, de forma que esse pertencimento torne os sujeitos responsáveis pelo engrandecimento do espaço que vivem, ignorando a intencionalidade da camada dominante, que nos quer submissos. Assim o sujeito encontra-se em plena condição de estar constantemente tomando consciência sobre as potencialidades para ultrapassar as barreiras que nos impõem a essas forças. A paz é o desafio da busca por um mundo digno e justo.

Para Paulo Freire a educação é vista como forma de transformação social por meio do diálogo e da escuta, pela luta contra as injustiças sociais e o fim da opressão gerada pelo capitalismo da burguesia, além do compromisso permanente com a utopia e a história. Segundo Freire, utopia é o compromisso político e histórico para a construção de uma



sociedade plenamente humanizada, de cooperação e paz entre os povos que não suportam a competitividade e a agressividade inconsequente que o mundo liberal produz.

Nesse momento, faz-se necessário uma postura ética e política frente às imposições do mundo capitalista por parte dos educadores, principalmente no que diz respeito à formação crítica e libertária dos seus educandos na busca incessante por uma sociedade mais justa e fraterna. A EJA enfrenta de forma ativa todas as mazelas, apesar de sofrer uma grande discriminação, negação constante dos seus direitos. Os poucos que lutam para o engrandecimento desse espaço são detentores de posturas éticas e anseiam por justiça, por busca pela humanização desse espaço é uma constante.

Considerações

Numa tentativa de compreender as concepções de Freire, buscamos relacionar suas ideias às definições de paz encontradas nos dicionários mais usados nas escolas, quais sejam, o Aurélio, o Michaelis e o Houaiss. A partir disso, concluímos que a paz descrita pelos dicionaristas não é a paz relacionada aos processos de mudança sociais necessárias ao nosso crescimento, paz que luta para a transformação de um processo histórico e cultural da humanidade. É antes de qualquer outra coisa uma forma de tornar o sujeito quieto, desprezioso, acomodado, dependente, condescendente, um indivíduo que aceita tudo que lhe é imposto sem questionar, sem refletir, sem procurar saber as reais intenções do que está por trás de tudo o que lhe acontece, sem capacidade de entender de forma coerente o processo perverso que a classe dominante lhe impõe.

Mediante leituras, em especial da pedagogia Freireana, que nos permitiu discutir e até discordar das posições dos dicionaristas apresentados acima, considerando a paz uma relação de estado de espírito que não é perturbada por conflitos. Temos, portanto, a tranquilidade de dizer que a paz é uma aprendizagem inquietante, como tal pode ser conflituosa, é uma busca perene, autorizada pela necessidade de mudança. É a procura da liberdade, que se afirma na busca e é amadurecida através de confrontos. É idealizada por diversas formas de busca, que se constitui na tomada de decisão, refletindo sempre a luta. A paz é ausência de medo, é uma forma responsável de transformar as realidades, às vezes por caminhos tortuosos, mas com consciência de uma prática coerente e necessária. A EJA está



dentro deste contexto, é um lugar que, por si só, já desenha esta realidade, apesar de todos os entraves existentes a Educação de Jovens e Adultos tem mostrado uma resistência. O pequeno espaço que é destinado a EJA e o descaso que a ela é destinado não provocam esmorecimento aos poucos que lutam por uma transformação.

Logo reinteramos que não devemos enxergar a paz na educação como um completo estado de graça, pois isso faria de nós indivíduos inertes. A paz é aprendida, tem a ver com as expressões produzidas e criadas pela humanidade. Precisamos reconhecer a paz como um componente provocador de ações, idealizador e identificador de possibilidades, ela nos direciona para uma vida melhor, para o reconhecimento de que é preciso lutar para contribuir com as mudanças que a sociedade necessita, é preciso estar em paz para reconhecermos que necessitamos de cuidados bem como reconhecer a necessidade do cuidado com o outro.

Esse estado de paz nos possibilita formar eixos integradores nos quais as escolas possam se transformar em espaços prazerosos, nos quais existam harmonia e solidariedade e as gentes que as formam vivam em comunhão. Um estado de paz em que haja trocas de experiências, nas quais, se promovam conhecimentos, habilidades, atitudes que provoquem mudanças de comportamentos, e, que um aprenda com o outro, que exista cultivo de valores e que estes sejam provocadores de um processo de promoção de autoconhecimento. Para Freire a consciência crítica contrapõe a consciência ingênua.

O indivíduo em seu estado crítico não se satisfaz com as aparências, reconhece que a realidade é mutável, é autêntico, está sempre disposto a revisar os seus atos, procura sempre se livrar de preconceitos, é inquieto, é responsável, indaga, investiga e dialoga. Interessante se faz incluir nesse diálogo a definição, mesmo que não fundamentada, de consciência e de crítica, para assim termos uma liberdade maior de tecermos comentários à Luz de Paulo Freire.

Assim, a consciência crítica nasce com a capacidade de se questionar os próprios pressupostos. A raiz da consciência é o confronto, o fundamento da crítica é a humildade.

A guisa de considerações ratificou a necessidade de fazer funcionar, verdadeiramente, com base nos ensinamentos de Paulo Freire, a Cultura de paz na Educação de Jovens e Adultos. Pensamos ser o espaço educativo um espaço de debate, não de discursos fáceis e simplistas, nos quais a paz tem cor e símbolos únicos, mas na construção incessante da justiça social. A educação para a paz é um sonho possível, no qual os sujeitos possam pensar, descobrir, inventar, construir, compartilhar e vivenciar idéias e sentimentos para a construção



coletiva do bem. Nesse sentido, tivemos a grandiosa contribuição de Paulo Freire, no que diz respeito à conduta do homem com relação a seu compromisso consigo mesmo e com a sociedade; na inserção de uma cultura de reflexão, de crítica e de amor diante das contradições existentes no mundo contemporâneo.

Acreditamos que a cultura de paz seja um instrumento de reflexão nos espaços educativos, capaz de contribuir com a transformação social e que os envolvimento dos atores desses espaços os jovens e adultos garantam essa mudança baseados numa conscientização cidadã e participativa.

Referências

DEMO, Pedro. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2^a edição, Rio de Janeiro, Nova Fronteira. 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 13.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. (Coleção O Mundo, Hoje, v.21). 1983.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro, paz e Terra. 2010.

Paulo Freire - *Poder, desejo e memórias da libertação*. Peter MacLaren, Peter Leonard, Moacyr Gadotti et al. tradução Marcia Moraes. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

GADOTTI, Moacir. (Org.). *Paulo Freire: uma Biobibliografia*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO. 1986.

MATOS, Kelma Socorro Alves de; NONATO JUNIOR, Raimundo.(Org.) *Cultura de Paz, Ética e Espiritualidade*. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

RODRIGUES, Alfredo Tosi. *Sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP& A, 2001.